

## IMAGENS DO BRASIL EM CANÇÕES DA COPA DO MUNDO FIFA 2014: ATUALIZAÇÃO E RECONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA

Tatiana Simões e Luna<sup>1</sup>

A memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação. A enunciação, então, deve ser tomada, não como advinda do locutor, mas como operações que regulam o encargo, quer dizer a retomada e a circulação do discurso. (ACHARD, 1999, p. 17)

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é investigar o trabalho da memória discursiva na constituição dos *jingles* e canções construídos por ocasião da participação do Brasil na Copa do Mundo da Fifa 2014. Primeiro, fazemos uma reflexão teórica que visa a contribuir com o debate acerca do conceito de memória no âmbito da Análise do Discurso Pecheutiana (ADP), tomando como referências as contribuições do próprio Pêcheux ([1984]1999, [1983] 1990, [1975] 1995, [1975] 1997), de Courtine ([1981]2009, 1999), de Achard ([1984]1999) e de Indursky (2011, 2008). Em seguida, analisamos letras de músicas pró-Seleção Brasileira de Futebol, produzidas por diferentes artistas e patrocinadas por distintas organizações, a partir do dispositivo teórico-metodológico da ADP. Os resultados indicam que, no âmbito da Formação Discursiva Ufanista, instauram-se e amalgamam-se vozes heterogêneas e divergentes. Também constatamos que a forma-sujeito desse domínio de saber está fragmentada em diferentes posições-sujeito, as quais corroboraram para a instauração de um acontecimento enunciativo.

**PALAVRAS-CHAVES:** Memória discursiva; canção; imagens do Brasil; futebol

**RÉSUMÉ:** L'objectif de cette étude est d'examiner le travail de mémoire discursive dans la constitution de *jingles* et chansons construites sur la participation du Brésil à la Coupe du Monde de la FIFA 2014. Tout d'abord, nous faisons une réflexion théorique qui vise à contribuer au débat sur le concept mémoire dans le cadre de l'Analyse du Discours Pecheutiana (ADP), en prenant comme références les contributions de Pêcheux lui-même ([1984] 1999, [1983] 1990, [1975] 1995, [1975] 1997), la Courtine ([1981] 2009, 1999), Achard ([1984] 1999) et Indursky (2011, 2008). Ensuite, nous analysons paroles pro-brésilien de l'équipe de football, produites par différents artistes et parrainées par différentes organisations, à partir de l'appareil théorique et méthodologique de l'ADP. Les résultats indiquent que, dans la formation discursive vaniteux, sont établies et se fusionnent voix hétérogènes et divergents. Nous trouvons aussi que la forme de la connaissance du sujet-domaine est fragmentée en différentes positions de sujet, qui corroboraient d'établir un événement énonciative.

**MOTS-CLÉS:** Mémoire discursive; chanson; les images du Brésil; le football

---

<sup>1</sup> Professora-assistente do Departamento de Educação da UFRPE e doutoranda em Linguística pela UFPE.

## 1. Introdução

“Brasil, país do futebol”. “Futebol, uma paixão nacional”. “Seleção canarinho”. “Brasil campeão”. “Vamos pra frente, Brasil”. Esses sintagmas ou enunciados são partilhados<sup>2</sup> por qualquer brasileiro ou imigrante residente no país e constituem nossas memórias identitária, social, discursiva e nacional. Também essa parece ser a representação construída pelos atletas e turistas estrangeiros que vieram participar da Copa no Brasil, conforme algumas declarações e depoimentos veiculados pela imprensa<sup>3</sup>. Considerando que a identidade discursiva é construída na inter-relação com a alteridade, a memória exerce, nesse âmbito, um papel fundamental, recortando do interdiscurso aquilo que é possível de ser dito no intradiscurso. Em outras palavras, regulando os dizeres que são linearizados no fio do discurso e os que são cristalizados via repetição discursiva (COURTINE, [1981] 2009).

Portanto, ela lida com o outro em suas múltiplas dimensões: o Outro do inconsciente freudo-laciano; o outro do espaço discursivo, isto é, as vozes anteriores e contemporâneas perante as quais um determinado discurso se posiciona (seja em forma de réplica, de conformação, de silêncio, de ironia, de refutação etc.); o outro enquanto interlocutor, destinatário real ou presumido a quem o discurso potencialmente se dirige; o outro que se inscreve no interior do enunciado e faz ecoar a própria memória.

Compreender o papel da memória na constituição dos discursos do universo futebolístico nacional é o objetivo central do nosso trabalho. Desde que se iniciaram os preparativos para a realização da Copa Mundial de Futebol no Brasil, muitos discursos circularam, dos mais extremistas opositores de movimentos e grupos sociais que comungam do lema “#naovaitercopa”, passando pelos discursos militantes que se opõem a certos legados do evento (a corrupção, a construção de megaestádios sem funcionalidade posterior, a desapropriação de moradores etc.) e pelos discursos pessimistas/negativistas de boa parte da mídia tupiniquim (e também de parcela da imprensa estrangeira) que questionou a viabilidade do evento no Brasil e profetizou o caos, até os dos mais entusiastas (políticos, dirigentes esportivos, atletas e parte da população) que acreditavam no pleno sucesso do torneio futebolístico<sup>4</sup>.

Diante dessa heterogeneidade de discursos, decidimos analisar as canções que celebraram a participação do Brasil na Copa do Mundo Fifa 2014. De 1950, ano em que

---

<sup>2</sup> O “partilhar” aqui não se vincula a uma memória cognitiva, nem significa necessariamente adesão, mas (re)conhecimento dessa formação discursiva historicamente hegemônica em nossa sociedade.

<sup>3</sup> Um exemplo foi o tuíte do jogador alemão Podolsky, em 29/06, em sua conta pessoal: “A cada dia que passa me encanto mais com esse país lindo, essa energia positiva maravilhosa, realmente não teria lugar melhor para se jogar uma Copa do Mundo a não ser o país do futebol #VamoQueVamoBrasil #CopaDoMundo #ForçaBrasil”.

<sup>4</sup> A indicação desses posicionamentos discursivos obedece a um critério meramente didático, pois muitos discursos migraram de posição: a mídia, a partir do início do evento, não só modera o discurso oponente como passa para o rol dos entusiastas, e a comunidade “Não vai ter Copa” do Facebook (Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Não-Vai-Ter-Copa/610831915618306>. Acesso em: 05 jul. 2014) sofre certo “esvaziamento” – o amplo número de integrantes, quase 30.000, não se reflete mais em “audiência”, pois suas últimas postagens tiveram pouco mais de 30 “curtidas”.

o país sediou pela primeira vez o campeonato mundial, até hoje, todas as edições desse evento esportivo tiveram músicas de apoio à Seleção Brasileira de Futebol amplamente divulgadas pela mídia. Algumas, de tão marcantes, são replicadas ao longo de várias edições: “A taça do mundo é nossa” (1958), “Pra frente, Brasil” (1970), “Voa, canarinho” (1982), “Mexê coração” (1986) e “Coração verde-amarelo” (1994).

A “onipresença” desse gênero revela a existência de uma tradição discursiva que merece ser investigada. Para Foucault ([1969]1987), os discursos não surgem do acaso, nem da vontade individual de um locutor. Trata-se de uma prática que obedece a determinadas regras anônimas, históricas, determinadas no tempo e no espaço, as quais constituem os objetos de que se fala, definindo em um dado momento e área as condições de exercício da função enunciativa. Esse sistema de dispersão desses enunciados, denominado pelo autor de formação discursiva (FD), determina as relações nas/das práticas discursivas.

Tomado de empréstimo de Foucault ([1969] 1987), esse conceito é reformulado por Pêcheux e Fuchs ([1975]1997) sob a perspectiva do materialismo histórico e da materialidade da língua. Para eles, a FD é regularizada pela ideologia de uma classe social. Ancorando-se em Althusser, os autores compreendem a ideologia como determinada, “em última instância, pela instância econômica na medida em que aparece como uma das condições (não econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente das relações de produção inerentes a esta base econômica” (op. cit., p.165).

Embora Althusser considere a superestrutura ideológica como uma das condições de transformação do modo de produção econômico e da formação social, os autores privilegiam seu caráter reprodutivo. Interessa a eles compreender como a ideologia “interpela os indivíduos em sujeitos” (op.cit., 167) e como os discursos materializam as ideologias. A Ideologia em si, enquanto categoria abstrata, não interpela indivíduos em sujeitos. É através das formações ideológicas (FIs) que isso ocorre. A FI é entendida como

um elemento (este aspecto da luta nos aparelhos) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento (...); cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem 'individuais' nem 'universais' mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras. (op. cit., p.166).

Os discursos ocupam determinadas posições no interior dessas FIs, sendo um de seus componentes. Por isso, cada FI pode comportar diferentes FDs, que podem estabelecer entre si relações de proximidade, de controvérsia, de oposição, de distanciamento etc. Cada FD, por sua vez, determina

o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harena, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (op.cit., p.166-167).

Partimos da hipótese de que o cancionário futebolístico nacional integra uma rede de formulação de enunciados que materializa uma visão de mundo entusiasta do futebol e da Seleção Brasileira, trazendo como temas a força do time, a exaltação da vitória e a paixão da torcida. Sua produção é, em geral, financiada por patrocinadores da Copa ou empresas que fazem propaganda institucional a partir desse mote, por isso, tais músicas compõem campanhas publicitárias veiculadas na tevê e na *internet*. Além desses *jingles*, há canções compostas por artistas brasileiros de apelo popular, sem vínculo direto com patrocínios ou financiamentos. Provisoriamente, chamaremos essa FD de “Ufanista”.

Visando a acessar essa discursividade e a rede de memória a ela associada, selecionamos, como objeto de estudo, as letras das músicas mais difundidas por ocasião da Copa do Mundo Fifa 2014, conforme comentários de matérias jornalísticas<sup>5</sup> e nossa observação dos comerciais televisivos, da audiência dos videoclipes no *youtube* e dos compartilhamentos dos vídeos nas redes sociais durante a primeira fase do torneio. São elas: do universo artístico-popular, “Gol ‘faz a massa delirar’”, cantada e composta por Naldo Benny; “Gigante do Amor”, composta pelo Pastor Lucas e interpretada por Fernanda Brum; e “País do Futebol”, composta e interpretada por Mc Guimê, em parceria com Emicida; do universo artístico-patrocinado, “Mostra tua força Brasil” (tema do Itaú, patrocinador oficial do evento), escrita por Jair Oliveira<sup>6</sup> e interpretada por Fernanda Takai e Paulo Miklos, com direção musical de Simoninha; “Somos um Só” (tema da Rede Globo, emissora oficial de transmissão do evento), composta por Tavito e Aldir Blanc e interpretada por Sandy, Thiaguinho, Emanuelle Araújo, Marcelo D2, Samuel Rosa, Gustavo Lima e Luan Santana; e “Vem pra rua” (tema da Fiat), cantada pelo grupo O Rappa e composta por Henrique Ruiz Nicolau, ex-S de Samba.

Courtine ([1981] 2009) ensina que a definição de um *corpus* discursivo de arquivo deve ser realizada a partir da determinação das condições de produção de uma sequência discursiva de referência e das condições de formação de um processo discursivo no bojo de uma FD. A dispersão da sequência discursiva de referência exige uma visão dinâmica do *corpus*, por isso o autor propõe articulação entre esses dois planos – as condições de produção e as condições de formação – a partir do que ele chama de domínios de memória, de atualidade e de antecipação. É através da memória que compreendemos como os discursos se relacionam, se confrontam, se replicam, se repetem, se deslocam e produzem deslizamentos de sentidos. De acordo com Brandão ([1999] 2004, p.95-96),

a toda formação discursiva se vê associar uma memória discursiva. É a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas. É ela que permite, na rede de formulações, que constitui o intradiscorso de uma FD, o aparecimento, a

---

<sup>5</sup> A título de ilustração, conferir algumas matérias acessadas em 10 de julho de 2014:

<http://www.capitalfm.com.br/2014/04/25/artistas-correm-para-emplacar-hit-da-copa-2014/>;  
<http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/24/mc-guime-psirico-e-cantora-gospel-disputamtitulo-de-hino-informal-da-copa.htm>.

<sup>6</sup> Jair Oliveira também escreveu o tema da Rede Bandeirantes, “O maior espetáculo da Terra”, o qual não estudamos diretamente nessa análise, por ser de circulação mais restrita: a audiência foi significativamente menor que a da Globo na primeira fase do torneio (picos de 9 pontos, enquanto a Globo teve picos de 36 pontos).

rejeição ou a transformação de enunciados pertencentes a formações discursivas historicamente contíguas.

Esse conceito será tratado no item a seguir.

## 2. A memória na Análise do Discurso

Foi na chamada “terceira época” da Análise do Discurso (doravante AD) que os estudos sobre a memória foram inaugurados. A crise interna dessa teoria, provocada pela explosão da maquinaria discursiva e pelo reconhecimento do primado do “outro” sobre o “mesmo”, é concomitante à assunção dos conceitos de memória discursiva, de interdiscurso e intradiscurso.

Em seus últimos escritos, Pêcheux deixa entrever a ruptura com os antigos postulados. Na análise do enunciado “On a gagné”, explorando um *corpus* da vida cotidiana, o grito da multidão após a vitória de François Mitterand, em 1981, ele argumenta que os discursos circulantes em uma rede de formulações não podem ser tidos como idênticos a si mesmos (PÊCHEUX, [1983]1997). São constituídos pelo outro – *o atravessamento do discurso esportivo do grito das torcidas* – e pelo equívoco – *o apagamento do sujeito agente e a ausência dos complementos (O quê? Como? Por quê?)*. Defensor da análise do discurso como uma disciplina de interpretação, põe em cheque a crença no alto poder explicativo da ciência e no funcionamento sem falhas das estruturas.

A terceira fase da AD abre os horizontes teóricos do marxismo e estruturalismo estritos, estabelecendo novos diálogos epistemológicos, especialmente com os trabalhos de Foucault, De Certeau, Authier-Revuz e Wittgenstein. Sem almejar ser uma disciplina heurística universal, no sentido positivista, a AD busca os vestígios da memória nos discursos, propondo-se a realizar uma hermenêutica dos enunciados que circulam nas esferas institucionais e que se insurgem nas urgências, muitas vezes silenciosas, do cotidiano.

A existência do *outro* permite às disciplinas de interpretação realizar sua função, pois “pode haver ligação, identificação ou transferência” numa rede de enunciados (op.cit., p.54) e podem-se organizar as relações sociais em redes de significantes e as filiações históricas em redes de memórias. Apesar de ser na terceira época que os estudos sobre memória ganham fôlego, Indursky (2011, p.68, grifos da autora) lembra que

A reflexão sobre a *memória* sempre esteve presente no quadro da Teoria da Análise do Discurso, muito embora, nos textos fundadores, esta nomeação ainda não tivesse lugar. Pensava-se sobre memória, mas sob outras designações, como, por exemplo, *repetição, pré-construído, discurso transversal, interdiscurso*.

Antes de mais nada, é preciso esclarecer o sentido que atribuímos ao termo memória. A memória a que nos referimos não é da ordem individual neuropsicológica, a realidade cognitiva da Linguística de Texto para a qual o sujeito, no processo de

compreensão textual, ativa uma série de conhecimentos (*script, frames*, esquemas e planos) compartilhados com os interlocutores e armazena as informações necessárias para estabelecer os nexos coesivos (cadeias referenciais, anáforas, conectivos etc.).

Também não se confunde com as acepções de memória discursiva apresentadas por Charaudeau e Maingueneau, em seu Dicionário da Análise do Discurso (2004, p. 325-326), que misturam noções da AD com o campo da Linguística de Texto, da Análise da Conversação e da Teoria Dialógica do Discurso. Dentre as acepções, encontram-se as dos próprios autores como representativas da AD de linha francesa. Maingueneau separa a memória em dois eixos: externa, para se referir às relações da FD com as FDs anteriores; interna, para se referir ao “domínio de memória” criado no interior da própria FD e à qual os novos enunciados dessa FD se referem. Subjaz a essa divisão a ideia de uma FD idêntica a si mesma, um domínio de saber de enunciados semanticamente homogêneos.

No entanto, as formações discursivas, assim como as formações ideológicas a que elas se filiam, são constitutivamente heterogêneas, atravessadas por outros discursos e ideologias. O interdiscurso é um elemento constitutivo da FD e, por conseguinte, da própria memória. Pêcheux ([1984]1999, p.53) mostra que ela vive sob o signo da contradição: de um lado, funciona a repetição como efeito material das substituições e variações que assegura o “espaço de estabilidade de uma vulgata parafrástica”; de outro, a desregulação, pois, sob essa identidade, pode-se fundar a metáfora - os signos podem se deslocar, e os sentidos podem ser outros, esburacando a própria memória.

Não se sustenta, portanto, a divisão da memória em eixos externo e interno, já que ela se constrói no espaço poroso do interdiscurso, de saturação de todos os sentidos, formado pelo conjunto das diversas FDs. Mais do que separar dela a exterioridade, interessa à AD interpretar que dizeres são evocados, relatados, recortados, sob a forma da citação ou da alusão, no interior de uma FD e quais são interditados, apagados, esquecidos ou alijados dessa discursividade.

Chauradeau (2004, p.326), por sua vez, entende-a em três eixos: a memória de discurso, que designa os saberes e crenças partilhados por uma comunidade discursiva; a memória das situações de comunicação, que designa os dispositivos e contratos comunicacionais das comunidades comunicacionais; a memória das formas, que engloba maneiras de dizer e estilos de falar próprios das comunidades semiológicas. Podemos tecer a essas dimensões conceituais as mesmas críticas que fizemos à concepção da Linguística de Texto. O sujeito da AD não é o *cogito* da racionalidade cartesiana, mestre do discurso e dotado de intenções, ele é, desde sempre, interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente.

Retomando de Foucault ([1969]1987) a noção de sujeito enquanto função anônima, vazia que pode ser ocupada por diferentes indivíduos, Pêcheux ([1975] 1995) aponta que é a Ideologia quem interpela qualquer pessoa enquanto sujeito a ocupar um lugar determinado no sistema de produção. O sujeito é afetado por duas ilusões que lhe são constitutivas: o esquecimento número 1, que opera no nível do inconsciente e do interdiscurso, refere-se à ilusão subjetiva de centro do sentido, sendo produzido pelo

efeito de identificação com a Forma-sujeito do discurso e com o Outro da psicanálise lacaniana; o esquecimento número 2, que opera no nível do pré-consciente e do intradiscurso, designa a ilusão subjetiva de monitoramento do fio discursivo, produzida pelo efeito de ocultação parcial da relação com o outro, por meio da colocação de fronteiras entre o dito e o rejeitado e pelo uso de formas subjetivas<sup>7</sup>(PÊCHEUX e FUCHS, [1975] 1997).

A esse sujeito ideológico, dividido entre consciente e inconsciente, corresponde uma memória histórica, social e heterogênea. Pêcheux ([1984]1999) sustenta que o outro interior da memória produz sentidos na remissão ao outro exterior trazendo as marcas da historicidade. Da leitura de Achard ([1984]1999), podemos inferir que ela possibilita a compreensão dos “implícitos”. Apesar de não se poder afirmar que eles tenham existido antes, em algum lugar, como discurso autônomo, cabe à AD, enquanto disciplina de interpretação, reconstruí-los, encontrá-los na série de regularizações dos enunciados, observando os efeitos que promovem: de repetição, de paráfrase e de remissões.

Para Agustini (2007, p.306), a própria memória é já um “efeito da presença do interdiscurso (eixo da verticalidade) no acontecimento (eixo da horizontalidade) do dizer”, no intradiscurso. Formulando uma distinção entre Interdiscurso em geral (região de circulação de todos os discursos) e interdiscursos (regiões discretizadas pelos domínios de saber), a autora afirma que o espaço “irrepresentável” e “ininterpretável” daquele se faz materialmente visível por meio da memória que traz os sentidos possíveis de se serem enunciados numa FD.

O interdiscurso, nessa perspectiva, não é mais tido como exterior específico da FD. As FDs inscrevem-se nessa rede de circulação: cada discurso carrega a memória de outros. Foucault ([1969]1987, p.113) assinala que uma das propriedades do enunciado é a existência de um domínio associado: “ele se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e status que lhe apresenta as relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual”. O enunciado insere-se na cadeia de comunicação verbal como um de seus elementos, um signo no campo de coexistência de discursos, refere-se aos enunciados anteriores e antecipa as possíveis sequências que lhe sucedem.

Na mesma linha de Foucault, de quem é tributário, Courtine ([1981]2009) defende que o sistema de dispersão dos enunciados deve ser repartido a partir das relações que a sequência discursiva de referência estabelece com outros dizeres, constituindo assim os domínios de memória (o já dito que habita o discurso), de atualidade (sequências discursivas que convivem com o enunciado em uma conjuntura histórica determinada) e de antecipação (réplicas presumidas). Tais domínios não seguem uma cronologia, são atravessados pela dimensão temporal de um processo que é atemporal – o funcionamento da Ideologia (op.cit., p.111).

---

<sup>7</sup> As diversas figuras da modalização autonímica e as formas marcadas e não marcadas da heterogeneidade discursiva.

Nesse sentido, o domínio de memória não indica o começo de um processo discursivo, mas o aparecimento do “discurso transversal”, representando o interdiscurso por meio do modo de constituição dos objetos do discurso (“pré-construídos”) e do modo de “articulação” dos enunciados (PÊCHEUX, [1975] 1995). O pré-construído, como o “já aí” da interpelação ideológica, designa uma construção anterior, alheia à enunciação que se inscreve nela, apagando suas marcas de exterioridade e pré-existência no processo de assujeitamento e identificação. A nomeação é uma dessas marcas<sup>8</sup> que se impõe promovendo um efeito de sentido universal, partilhado por “todos”, podendo abarcar inclusive dizeres estranhos aos da FD.

Tais pré-construídos são recuperados por uma série de repetições, via uma memória plena de sentidos. No entanto, Courtine (1999), ao analisar o apagamento da figura de Clémentis nas fotografias da Tchecoslováquia comunista, aponta que o esquecimento é um elemento indissociável da memória. Ela também funciona sob o signo do vazio, da inconsistência na cadeia do formulável, do apagamento, ou, nos dizeres de Pêcheux ([1984]1999, p. 50), como “o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever” ou “que é absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido”.

### 3. A memória das/nas canções

Tradicionalmente, as canções compostas para promoção da Seleção Brasileira de Futebol têm sido encomendadas pelas empresas patrocinadoras ou por veículos de comunicação que transmitem os jogos<sup>9</sup>, por isso, tomaremos como sequência discursiva de referência (SDR) a letra de música promovida pelo Banco Itaú, para buscar os vestígios de memória e, nos termos de Courtine ([1981]2009), seu domínio de atualização, observando as relações e os posicionamentos discursivos inscritos nas demais letras de canção produzidas nessa conjuntura histórica.

SDR1 – “Mostra tua força, Brasil” (tema do Banco Itaú)

Vamos soltar o grito do peito/ Deixar o coração no jeito/ Que aí vem mais uma emoção

Vamos torcer e jogar todos juntos/ Mostrar novamente pro mundo/ Como se faz um campeão

Pois só a gente tem as cinco estrelas/ Na alma verde-amarela/ E só a gente sabe emocionar/

Cantando o hino à capela/ Pátria amada, Brasil"

Refrão: Mostra tua força, Brasil/ E amarra o amor na chuteira/ Que a garra da torcida inteira/ Vai junto com você, Brasil!

Mostra tua força, Brasil/ E faz da nação sua bandeira/ Que a paixão da massa inteira/ Vai junto com você, Brasil!(...)

(Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/temas-de-comerciais/mostra-tua-forca-brasilitau.html>. Acesso em : 07 jul.2014)

---

<sup>8</sup> O termo “arena”, por exemplo, que nomeia os estádios construídos na Copa do Mundo, reverbera as competições esportivas dos gladiadores romanos, mas também evoca a instituição partidária que deu sustentação à ditadura militar em 1964. O pré-construído tem um papel relevante e “perigoso” na materialidade discursiva pelo efeito de apagamento histórico e de consenso que produz em torno da palavra.

<sup>9</sup> Conferir a matéria acessada em 10 de julho de 2014:

<http://www1.folhaol.com.br/ilustrada/2014/04/1441796-cancoes-para-apoiar-o-brasil-na-copa-usamformula-dos-anos-1970.shtml>.

Atentemos primeiro para as formações imaginárias (PÊCHEUX, [1969] 1997) em jogo na construção dessa discursividade. Brasileiros são representados como uma torcida unida, apaixonada e que age em prol do coletivo. Há o apagamento das múltiplas diferenças sociais, regionais, econômicas, culturais, políticas e ideológicas (cf. também o título da SDR 2 cuja generalização gera o mesmo efeito). Somos todos interpelados a participar dessa torcida e a “entrar em campo” com a Seleção, por meio das expressões pronominais *a gente, todos e nós (oculto)*<sup>10</sup> e do tom persuasivo das locuções imperativas *vamos soltar/deixar/torcer/jogar todos juntos*. A associação metafórica entre a torcida e a Seleção reforça o sentimento de coletividade, o qual é transposto, via um jogo metonímico, para a identificação da Seleção com o próprio país: *Mostra tua força, Brasil*.

A representação que é feita do estrangeiro fortalece o imaginário acerca do próprio brasileiro, afinal, o outro é definido por aquilo que ele não é - não sabe jogar bola, não vence, não forma uma torcida entusiasmada, integrada e entregue ao seu time -, o oposto dos brasileiros que vão *Mostrar novamente pro mundo/Como se faz um Campeão*. Essa canção alude aos versos de “Mexê coração”<sup>11</sup> (tema da Copa de 86), que asseveram uma brasilidade aguerrida, emocionante e vitoriosa no futebol.

Vários símbolos da nacionalidade são evocados para construir esse sentimento de amor ao país, e, mais especificamente, à imagem do Brasil como “país do futebol” ou “pátria das chuteiras”: o hino nacional, a bandeira, as cores verde e amarela, as cinco estrelas que simbolizam nossas vitórias no campeonato. O lugar discursivo ocupado pelo Itaú, enquanto banco patrocinador oficial da Copa do Mundo Fifa 2014, não lhe permite outros dizeres senão os em apoio à Seleção Brasileira de Futebol, afinal a FD a que ele pertence representa pela linguagem a formação ideológica dominante.

A letra da música expõe claramente essa identificação plena do sujeito enunciador com a forma-sujeito da FD Ufanista que o domina. Ocorre o funcionamento perfeito da interpelação ideológica, chamado por Pêcheux ([1975]1995) de “reduplicação da identificação”. A tomada de posição do sujeito do enunciado, desde sempre interpelado pela FD a ocupar uma posição discursiva, é resultado do retorno do sujeito histórico da FD sob o próprio enunciado. Processo discursivo similar ocorre na SD seguinte:

SD2 – “Somos um Só - Copa 2014” (tema da Rede Globo)

Dessa vez é no Brasil/ Essa bola tá com a gente, o desafio/ É juntar talento lá do coração/ Com a força da união/ Fazer brilhar de novo, o campeão/ No Brasil, isso é normal/

Em todo canto tem um craque mundial/ Feito de paixão/ Buscando a vitória, sempre a vitória  
Persegue a taça e vai com raça até o final/

E a galera, veste a camisa amarela/ E entra em campo/ Pra jogar junto na fé/ Um drible, uma esticada/  
Toque em toque até a rede/ Chegou a hora/ Agora somos um só/ É nossa escola/ De super, superação/  
Vai que dá Brasil, hexacampeão

(2 x) Eu sei que vou/ Vou do jeito que eu sei/ De gol em gol/ Com direito a replay/ Eu sei que vou/ Com o coração batendo a mil/ É taça na raça, Brasil!

<sup>10</sup> Usamos o itálico para destacar trechos das sequências discursivas analisadas.

<sup>11</sup> Vai no peito e na raça/ Buscar nossa taça/ E ensinar pro mundo inteiro a sua dança  
Ginga pra lá, gol!/ Ginga pra cá, Brasil!/ E reviver mais uma vez a emoção  
Ginga pra lá, gol!/ Ginga pra cá, Brasil!/ Mostra pro mundo que o Brasil é campeão

(Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/temas-rede-globo/somos-um-so-copa-2014.html>. Acesso em: 07 jul. 2014)

Chamamos atenção aqui para a retomada, via citação direta, do refrão da música “Coração verde-amarelo” da Copa de 1994, nas duas últimas linhas, que foi tema da Globo nas últimas Copas. O encaixe sintático dos versos ao final corrobora com o discurso publicitário da emissora, frisando seu lugar social de transmissora oficial do evento e interpelando o público a assistir o *replay*. Esse é um exemplo claro do funcionamento da articulação entre os discursos como um efeito do interdiscurso no intradiscursos (PÊCHEUX [1975]1995). Um dado novo dessa SD é o atravessamento das vozes religiosas – *Para jogar junto na fé* – e pedagógica – *É nossa escola* –, remetendo às instituições Igreja e Escola que, enquanto aparelhos ideológicos do Estado, legitimam a posição da FD Ufanista e naturalizam o imaginário do Brasil como país do futebol, afinal, *No Brasil, isso é normal/Em todo canto tem um craque mundial*.

A memória aqui funciona sob o signo do visível, mas há um conteúdo latente: a remissão ao discurso de apoio à Seleção de 94, que começou desacreditada e chegou a vencer o campeonato, é mais que uma adesão, é uma convocação para a torcida brasileira, cuja associação da torcida à Seleção, ora se faz representar pelo *eu*, ora pelas expressões genéricas *galera*, *gente*.

Os objetos do discurso “desafio” e “superação” funcionam como pré-construídos, produzem o efeito de conformação com os discursos da imprensa futebolística que pedem maior empenho da Seleção para vencer o campeonato. No entanto, essa memória também funciona de forma velada. O enunciado “Vai que dá Brasil” produz efeitos contraditórios, de estímulo impetuoso e, ao mesmo tempo, de descrédito quanto à capacidade da Seleção, caso de denegação da possibilidade de derrota.

A discursividade das canções produzidas por artistas populares provoca certa movimentação nas fileiras de sentido da FD Ufanista: não é mais o Brasil que é exaltado, e sim o próprio brasileiro. As figuras que materializavam a amálgama “Brasilbrasileiros” não são encontradas; a torcida, quer seja representada como espectadora do “espetáculo” promovida pelos jogadores, quer como dotada de suas qualidades (*garra*, *sagacidade*), é interpelada a se identificar com a Seleção Brasileira de Futebol.

SD3 - Gol "Faz A Massa Delirar" (Naldo Benny)

Gol...Faz a massa delirar/ Passa por cima, acelera/ Vai com tudo, atropela/ E faz a rede balançar!

Refrão: É gol, é gol, eu quero ver o gol! ((2 x)/ É gol, é gol, é gol

Bate coração/ É, vai que vai na fé/ A ginga e a adrenalina/ A gente sabe como é/ Deixe suor molhar/ Alegria vencer/ O show é nossa essência/ Pro mundo inteiro ver

Na garra, não paro/ Meu dia a dia eu faço/ Minha sagacidade/ Pra ganhar o meu espaço/ Nem tente duvidar/ Comigo é só vencer/ O show é nossa essência/ Pro mundo inteiro ver (...)

(Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/naldo/gol-faz-a-massa-delirar.html>. Acesso em: 07 jul. 2014)

Em ritmo de *funk melody*, a canção reinsere os dizeres que materializam a visão de mundo da FD Ufanista: a emoção da torcida, a *ginga* e *alegria* dos brasileiros, as vitórias, a dinâmica do futebol, a alteridade do estrangeiro. O refrão ressoa os gritos dos

narradores no clímax desse acontecimento esportivo. Partimos da hipótese de que nessa discursividade, diferentemente do observado por Pêcheux ([1984]1999), a memória inscreve o acontecimento e o (re)atualiza. Observamos a série de regularizações de enunciados por meio de substituições e variações que asseguram no domínio de atualização a identidade parafrástica:

- *a massa delirar* (SD3), *a paixão da massa inteira* (SDR1);
- *o show é nossa essência pro mundo inteiro ver* (SD3), *mostrar novamente pro mundo como se faz um campeão* (SDR1);
- *alegria vencer, comigo é só vencer* (SD3), *buscando a vitória, sempre a vitória* (SD2);
- *é gol, é gol, eu quero ver o gol* (SD3), *de gol em gol com direito a replay* (SD2);
- *vai que vai na fé* (SD3), *pra jogar junto na fé* (SD2);
- *bate coração* (SD3), *é juntar talento lá do coração* (SD2), *deixar o coração no jeito*(SDR1); - *na garra, não paro* (SD3), *persegue a taça e vai com raça até o final* (SD2) e *taça na raça* (SD2), refrão da SDR1.
- *passa por cima, acelera, vai com tudo, atropela e faz a rede balançar* (SD3) e *um drible, uma esticada, toque em toque até a rede* (SD2).

Já falamos aqui que o processo de assujeitamento se dá pela identificação do sujeito da enunciação com o sujeito universal (ou forma-sujeito da FD). Não obstante, Pêcheux ([1975]1995, p.199) explica que essa relação pode se desdobrar em diferentes modalidades de tomadas de posição. Nessa discursividade ufanista, a identificação do sujeito da enunciação com a forma-sujeito produz o discurso do “bom sujeito”, em que ele reflete livremente a ideologia pela qual foi interpelado. A “superposição” entre sujeito enunciativo e sujeito ideológico faz-se “evidente” também na SD4:

#### SD4 - País do Futebol (*Mc Guimê / Emicida*)

Refrão: No flow, por onde a gente passa é show/ Fechou, e olha onde a gente chegou/ Eu sou... País do Futebol Nego/ Até gringo sambou, tocou Neymar é gol!

Ô minha pátria amada e idolatrada/ Um salve à nossa nação/ E através dessa canção/ Hoje posso fazer minha declaração/ Entre house de boy, beco e viela/ Jogando bola dentro da favela/

Pro menor não tem coisa melhor/ E a menina que sonha em ser uma atriz de novela/

A rua é nossa e eu sempre fui dela/ Desde descalço gastando canela/ Hoje no asfalto de toda São Paulo/ De nave do ano tô na passarela/ Na chuva, no frio, no calor/ No samba, no rap, tambor/

Com as mãos pro céu igual meu Redentor/ Agradeço ao nosso Senhor (...)

(Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/mc-guime/pais-do-futebol-part-emicida.html>.

Acesso em: 07 jul.2014)

Inicialmente produzida para homenagear a vitória brasileira na Copa das Confederações em 2013 e mais especificamente para parabenizar o jogador Neymar, “País do futebol” tornou-se música de abertura da novela global “Geração Brasil” e uma das músicas temas da Copa de 2014. Tais condições de produção e de circulação reverberam a inscrição desse discurso na FD Ufanista: o refrão assinala a identificação do sujeito enunciativo com a forma-sujeito por meio da fórmula *Eu sou...País do Futebol*. O outro é visto sob a ótica da nossa identidade, ao mesmo tempo, celebrado por *sambar* e depreciado pela derrota esportiva.

Os recortes realizados pela memória legitimam os dizeres desse domínio de saber: trechos do hino encaixados na *declaração* de exaltação ao país, objetos de discurso *samba, rap, tambor* que ressoam a diversidade musical brasileira, testemunho de

religiosidade e símbolo do cristianismo no Brasil – *Com as mãos pro céu igual meu Redentor/ Agradeço ao nosso Senhor*. Aos pré-construídos dessa FD, associam-se outras vozes de que se forma o universo multicultural das periferias urbanas, especialmente de uma megalópole como São Paulo. Expressões coloquiais misturadas a gírias juvenis e do universo do *funk* - *Nego, fechou, no flow, é show, house de boy* – marcam a heterogeneidade constitutiva da FD e, de certo modo, neutralizam as diferenças entre o mundo do *boy* e do *beco* e *viela*.

O estilo do *funk* ostentação, como o próprio nome já diz, valoriza a posse de carros, de dinheiro, de joias e outros artigos de luxo. Contrapondo-se ao tradicional *funk* carioca, que aborda a criminalidade e problemas sociais vividos nas e pelas favelas, a versão paulista enaltece os bens materiais, a ascensão dos estratos mais baixos da sociedade ao universo do consumo das marcas e grifes famosas. Apesar de aparentemente ir de encontro à FI dominante do capitalismo financeiro, essa discursividade está sob o jugo dessa ideologia, evocando a posição neoliberal de que o indivíduo pode sozinho vencer as barreiras sociais e adentrar as classes privilegiadas. Mantém-se o jogo das diferenças, o funcionamento de uma suposta meritocracia.

Muitos dizeres aqui são esquecidos: o daqueles que não jogam futebol, que não sonham em se tornar celebridades da mídia, que não têm seus talentos reconhecidos, que sofrem com o racismo e a discriminação, que não apreciam a *nave do ano*, nem mesmo ir para o *asfalto*. São poucos, como Neymar (que inclusive estrela o videoclipe da música) e Mc Guimê, que desestabilizam o *status quo*, e não é *declaração*, testemunho ou mensagem de autoestima e confiança que conferirá uma vida de qualidade para os moradores de comunidades periféricas. Se a esperança da Seleção reside no craque do time, não há garantias de que um indivíduo possa resolver os problemas da periferia.

Chamam-nos a atenção, contudo, os sujeitos da enunciação: um dos MCs mais aclamados do *funk* ostentação, o MC Guimê, junto ao *rapper* Emicida, conhecido por suas canções de protesto, por seus improvisos nas batalhas verbais e solidariedade com causas sociais. Ainda que ocupem o mesmo lugar social de artistas oriundos da periferia, filiam-se a FDs antagônicas no espaço discursivo-musical. No entanto, partilham a autoria da música e fazem-se representar discursivamente pelos pronomes de primeira pessoa. Essa união promove o efeito de apagamento das divergências e contradições quanto ao papel social da arte e de homogeneidade da população inserida na FD Ufanista.

Deixamos para o final a análise de duas canções que promovem certa movimentação nas fileiras de sentido da FD Ufanista. O *jingle* da Fiat foi elaborado para uma campanha promocional no período da Copa das Confederações em 2013, entretanto, acabou alimentando os discursos das manifestações que ocorreram nos meses de junho e julho de 2013 nas principais capitais brasileiras. A música tornou-se trilha sonora de vídeos independentes que fizeram a cobertura dos protestos e motivou a difusão de *slogans* e *hashtags* como “#vemprarua”, “#ogiganteacordou”. Veiculada novamente em 2014, a canção ocupa um outro lugar. Inicialmente inspiradora dos chamados nas redes sociais para que os jovens saíssem do mundo “virtual” e ocupassem uma posição nos

protestos, ela provocou um efeito de retomada do *já dito*. A campanha reatualiza, de certo modo, não só o seu dizer pró-futebol brasileiro nas copas, mas o discurso de protesto.

SD5 - Vem Pra Rua (Henrique Ruiz Nicolau e O Rappa)

Vem, vamo pra rua/ Pode vim que a festa é sua/ Que o Brasil vai tá gigante/ Grande como nunca se viu/ Vem, vamo com a gente

Vem torcer bola pra frente/ Sai de casa, vem pra rua/ Pra maior arquibancada do Brasil

(Refrão) É eooH, Vem pra rua, porque a rua é a maior arquibancada do Brasil

Se essa rua fosse minha/ Eu mandava ladrilhar/ Tudo em verde e amarelo só pra ver/ O Brasil inteiro passar

(Refrão) 3x (coro) Vem pra rua! Vem pra rua! Vem pra rua! Vem pra rua!

(Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/search.php?q=vem%20pra%20rua> Acesso em : 10 jul.2014)

A formação ideológica dominante, materializada verbalmente na FD Ufanista, incorpora os sentidos que lhe são contrários, opostos e os ressignifica. Salientamos que a trajetória discursivo-artística do grupo O Rappa, sujeito-intérprete do *jingle*, ilustra esse modo de funcionamento da ideologia: em princípio, migrou da FD da música de protesto para a FD da música de massa.

Consoante constatou Indursky (2011, p.80), na análise da marchinha popular “História do Brasil”, “Encontramos aqui uma certa forma de retomar o já-dito. A repetição discursiva, nesse caso, se faz pelo viés do *discurso transverso*”. *Vem pra Rua*, de convite para participar da Copa das Confederações, passa a grito de guerra contra diversas questões políticas, inclusive a realização da Copa, e desloca-se novamente para um chamado a integrar a festa da torcida brasileira. O “gigante adormecido”, denunciado em inúmeros cartazes, torna-se o *gigante, grande como nunca se viu*. O *jingle* ainda ecoa a cantiga popular “Se essa rua fosse minha”, partilhada pela memória coletiva dos brasileiros, que sofre um deslocamento do amor romântico para o amor pela pátria.

A próxima SD, produzida no âmbito da FD Cristã Evangélica, provoca maior agitação nas fileiras de sentido da FD Ufanista. Enquanto o *jingle* da Fiat transforma o discurso de protesto, mas toma a posição de apoio à Seleção Brasileira, a música gospel “Gigante do Amor” evoca a memória cristalizada de crítica aos problemas sociopolíticos do país, produzindo fissuras nas fronteiras desse sistema de dispersão e inaugurando uma nova “posição-sujeito” (INDURSKY, 2000).

SD6 - Gigante do Amor (Fernanda Brum e Pr. Lucas)

Ô, ô, ô, Brasil/ Povo vencedor! / Ô, ô, ô, Brasil/ Gigante do amor!/ Ô, ô, ô, Brasil/ Confia no Senhor! / (2 x) Que brilhe o verde da esperança na nação/ Que pertence ao Senhor Jesus!

Todo brasileiro vibra com o futebol/ Todo brasileiro chora com o desamor/ Quem é brasileiro não desiste nunca/ Quem é brasileiro tem que ser batalhador

No Brasil tem copa, tem paixão, tem alegria/ Tem estádio novo, tem gente sem moradia/ Tem gente estudada roubando da educação/ Mas tem gente orando pelo bem dessa nação!

É gol!/ Tira criança da rua, é gol!/ Compartilhar com quem não tem, é gol!/ E a torcida tá vibrando, tá pulando/ Nesse lance que é show de amor

É gol!/ Combater a violência, é gol!/ Ver a justiça sendo justa, é gol!/ Quem tá torcendo pelo Brasil/ Grita: é gooll!/ Brasiill!

(Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/fernanda-brum/gigante-do-amor.html>. Acesso em: 07 jul. 2014)

A linearidade do intradiscurso da SD6 manifesta seu hibridismo interior, uma confluência de vozes dissidentes, interdidas, apagadas ou esquecidas pelos domínios de memória e atualização associados à FD Ufanista. Para além do regime de repetição, a memória funciona sob o signo da cisão e da contradição. A “articulação” (PÊCHEUX [1975]1995) dos enunciados coloca em paralelo os sentidos pré-construídos do nacionalismo no futebol (I) com os pré-construídos das críticas sociopolíticas generalistas (II), deslocando o discurso de apoio à Seleção Brasileira de Futebol: I. *Todo brasileiro vibra com o futebol/Tem copa, tem paixão, tem alegria, Tem estádio novo* x II. *Todo brasileiro chora com o desamor/ tem gente sem moradia, Tem gente estudada roubando da educação.*

A estrutura paralelística também promove o deslizamento do sentido inscrito na memória do termo gol para a resolução de problemas sociais: *Tirar criança da rua, é gol! Compartilhar com quem não tem, é gol! / Combater a violência, é gol!*. Opera-se a migração da memória histórica dos pré-construídos da religião Judaica, como *povo vencedor*, escolhido, para o cristianismo de uma *nação que pertence ao Senhor Jesus*.

A inscrição na FD Cristã Evangélica interpela a torcida a ocupar o seu lugar de fiel que *confia no Senhor!* e *ora pelo bem dessa nação* e, a partir dele, legitima-a a assumir uma posição pró-futebol e pró-mudanças (*Ô,ô,ô Brasil /Que brilhe o verde da esperança/ E a torcida tá vibrando, tá pulando nesse lance que é show de amor*). O grito eufórico do *gool!!!Brasiill!*, no fio discursivo, não se trata meramente de uma comemoração atrelada à FD Ufanista. Conforme Indursky (2011, p.80-81, grifos da autora), “a rede de memória faz ressoar esse sentido e trabalha por trás desse deslizamento, fazendo o sentido primeiro reverberar por trás do novo sentido, produzindo-se, desse modo, o que Courtine (1981) designou de *efeito de memória*”.

O atravessamento do domínio de saber religioso na FD Ufanista permite o recorte de dizeres que “enaltecem” o brasileiro. Os versos *Quem é brasileiro não desiste nunca/ Quem é brasileiro tem que ser batalhador* evocam a propaganda governamental da gestão de Lula em 2005 “O melhor do Brasil é o brasileiro”, cuja frase final “eu sou brasileiro, e não desisto nunca” valida o sentido pré-construído do herói brasileiro. A nomeação “Gigante do Amor” expõe o aparente amálgama entre essas discursividades, apagando os dissensos entre as questões políticas e religiosas como efeitos da adesão à FD Cristã Evangélica.

As vozes alheias ao universo discursivo futebolístico não produzem, no entanto, uma ruptura com a FD Ufanista. Instaure-se aqui a modalidade de tomada de posição denominada por Pêcheux ([1975]1995, p.199-200, grifos do autor) de “contraidentificação”, que ocorre quando “o *sujeito da enunciação* ‘se volta’ *contra o sujeito universal*”, em outras palavras, ele “se *contraidentifica* com a formação discursiva que lhe é imposta pelo ‘interdiscurso’”, produzindo o discurso do “mau sujeito”.

Reformulando esse conceito de Pêcheux, Indursky (2000) afirma que “uma forma-sujeito fragmentada abre espaço não só para o semelhante, mas também para o diferente, o divergente, o contraditório, daí decorrendo uma formação discursiva heterogênea, cujo

traço marcante é a contradição, que lhe é constitutiva”. O sujeito histórico, clivado pelo inconsciente, é desdobrado em diferentes posições-sujeito que lhe são possíveis ocupar no processo de assujeitamento.

Vemos que a posição tomada pelo sujeito da canção gospel estabelece uma relação de conflito com a posição-sujeito dominante da forma-sujeito da FD Ufanista. A discursividade inscrita na música não recupera o “memorável” das canções que falam de brasileiros unidos por uma Seleção com a esperança da vitória. Opera, no entanto, um distanciamento em relação à posição entusiasta da FD Ufanista e traz, para esse domínio de saber, o discurso evangélico. Dessa forma, relativiza os sentidos da Copa do Mundo, do gol e desloca a imagem do Brasil de “país do futebol”, “pátria das chuteiras”, para *Gigante do Amor*.

Nas canções anteriores, observamos o funcionamento quase perfeito do processo de assujeitamento através da identificação do sujeito do discurso com a posição dominante da forma-sujeito da FD Ufanista. *Gigantes do amor*, no entanto, estabelece uma relação intersubjetiva conflitante com os discursos produzidos no âmbito dessa FD, questionando e divergindo dos valores estritos do ufanismo futebolístico. Trata-se de uma nova posição sujeito, que não mais reflete o conjunto total de saberes dessa FD, mas se identifica com uma parcela desses saberes e incorpora outros estranhos a ela, oriundos de outros domínios – o discurso religioso e o de protesto. O sujeito discursivo posiciona-se a favor de alguns dizeres – a valorização do futebol brasileiro -, mas se opõe a outros – os gastos para a realização da Copa.

Apesar de similar uma posição neutra quanto aos conflitos político-ideológicos no país, apelando para a amorosidade religiosa, a rede de memória associada à canção gospel faz ecoar os discursos de protestos de junho de 2013, filiados a diversas FDs, e, mais precisamente, os vinculados à FI “Neoliberal” que, paradoxalmente, reclama ao Estado o atendimento a necessidades básicas em uma conjuntura histórica na qual mais direitos sociais vêm sendo conquistados pela população brasileira<sup>12</sup>.

Não podemos afirmar que seja um posicionamento discordante da realização do evento ou do apoio dado à Seleção Brasileira, mas que questiona a sua legitimidade, trazendo para a rede de memória sentidos não previstos pela FD Ufanista. Incorpora a dissonância das vozes dos protestos de junho de 2013 e, por meio delas, exalta o amor por uma pátria “cristã”. Acreditamos que o aparecimento dessa nova posição discursiva inaugura um “acontecimento enunciativo”, no sentido dado por Indursky (2000).

Em outras palavras, encontra-se uma relação de tensão entre a posição-sujeito inscrita no discurso da canção gospel e a forma-sujeito da FD Ufanista. Esse posicionamento de conflito, de afronta e dissidência não implica antagonismo ou ruptura com os saberes da FD de referência, o que seria característico do processo de desidentificação. As fronteiras da FD são fluidas, porosas, deslocam-se, permitindo a

---

<sup>12</sup> A tomada de posição oposta à FI “Governamental”, velada nessa canção, é declarada abertamente em artigo publicado na página da Igreja Batista Central da Barra, cuja liderança é partilhada pela intérpretepastora Fernanda Brum junto ao seu marido, confirmando a nossa hipótese interpretativa (BORBA, s/d).

movimentação de sentidos e a entrada de novos dizeres que instauram a diferença e a divergência. Assim, ela torna-se heterogênea em relação a si mesma.

Isso é possível porque o sujeito, enquanto “categoria” sócio-histórica, não é absolutamente racional e consciente, nem totalmente assujeitado e determinado pelas condições externas, mas possui uma margem de atuação no espaço discursivo e trabalha sobre a linguagem e os discursos. A instauração dessa nova posição sujeito, inscrita no discurso da canção gospel, na FD Ufanista reconfigura esta, que passa a admitir como legítimos dizeres críticos à pátria, desde que investidos dos tom e teor de superação de problemas para valorização da identidade nacional.

#### 4. Considerações Finais

A memória, neste trabalho, entendida como heterogênea, cindida, evidencia o jogo de forças entre a paráfrase e a desregulação. Tomamos como hipótese de trabalho a existência de uma FD Ufanista que governa a dispersão dos enunciados em torno da participação da Seleção Brasileira de Futebol nas Copas do Mundo. Para o âmbito deste artigo, consideramos válido traçar o percurso da memória nas canções compostas para apoiar a Seleção na Copa do Mundo Fifa 2014.

Encontramos predominantemente imagens apreciativas do Brasil, como *país campeão, vitorioso, formado por um povo unido, feliz, trabalhador, apaixonado pelas cores de sua bandeira, pelo hino, pelo futebol e pela nação, cuja seleção de craques dá espetáculo em campo e luta pelos gols*. Entretanto, os esquecimentos são constitutivos da memória. Outras vozes que povoam o imaginário brasileiro, dantes apagadas, interdidadas, inscrevem-se nessa discursividade, produzindo as imagens de *país da corrupção, da violência, da desigualdade social*. A canção “Gigante do Amor” enuncia esses dizeres sob o signo da religiosidade cristã evangélica, ressaltando o quão são porosas as fronteiras entre as FDs. Surge, desse modo, uma nova posição-sujeito na FD Ufanista, *que ocasiona um acontecimento enunciativo* (INDURSKY, 2000). Seja no domínio de memória, seja no domínio de atualização, não se encontram hinos da Copa que destoem da imagem enaltecida do “país do futebol”. A música gospel confronta a exacerbação do patriotismo, recuperando essa imagem cristalizada e subordinando-a à de uma *nação fiel a Jesus que possui sentimento cristão e ora pela melhoria social*.

Pêcheux, em seus últimos textos, já apontava para essa possibilidade de a memória trabalhar sobre a base dos sentidos memorizados num domínio de saber e, a cada discurso, fazer apelo à sua própria reconstrução, considerando a possibilidade de “falhas” no processo de assujeitamento:

uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, de réplicas, de polêmicas e de contradiscursos. ([1984]1999, p. 56)

todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma 'infelicidade', no sentido performativo do termo, isto é, no caso, por um 'erro de pessoa, isto é, sobre o *outro*, objeto de identificação. ([1983] 1990, p.56-57, grifos nossos em negrito)

## 5. Referências

- ACHARD, P. Memória e a produção discursiva do sentido. [1984] In: ACHARD, P. et al. (org.). **Papel da memória**. Campinas/São Paulo: Pontes, 1999.
- AGUSTINI, C. (N)as dobraduras do dizer e (n)o não-um do sentido e do sujeito: um efeito da presença do interdiscurso no intradiscurso. In: INDURSKY, F. & LEANDRO FERREIRA, M. C. (org.) **A Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos/ São Paulo: Claraluz, 2007, p. 303 – 312.
- BORBA, Asaph. **Clamemos pela nação**. Disponível em: <http://www.ibcbarra.com.br/artigos.php>. Acesso em: 05 jul. 2014.
- BRANDÃO, H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. [1999]. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- COURTINE, J-J. **Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. [1981] São Carlos, São Paulo: UFSCAR, 2009.
- \_\_\_\_\_. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, F. & LEANDRO FERREIRA, M.C. (org.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999, p. 15-22.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. [1969] 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; LEANDRO FERREIRA, M.C. (org.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2011, p. 67 – 89.
- \_\_\_\_\_. A noção de sujeito em Análise de Discurso: do desdobramento à fragmentação. In: Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008 (Coleção Ensaios – PPG-Letras UFRGS, nº 22).
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. [1984] In: ACHARD, P. et al. (org.). **Papel da memória**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999, p. 49-57.
- \_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. [1983] 2ª ed. São Paulo: Pontes, 1990.
- \_\_\_\_\_.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas(1975). In.: GADET, F.; HAK, T.(org.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997, p. 163-179.

\_\_\_\_\_. Análise Automática do Discurso (AAD- 69). In.: GADET, F.; HAK, T.(org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas/ São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997, p.61-161.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. (1975) Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1995.

